

# FLORICULTURA BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: o perfil do produtor<sup>1</sup>

Ikuyo Kiyuna<sup>2</sup>  
Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco<sup>3</sup>  
Paulo José Coelho<sup>4</sup>  
Denise Viani Caser<sup>3</sup>  
Roberto de Assumpção<sup>4</sup>  
José Alberto Ângelo<sup>5</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

A floricultura, em seu sentido mais amplo, abrange o cultivo de flores e plantas ornamentais com variados fins que incluem desde as culturas de flores para corte à produção de mudas arbóreas de porte elevado (CASTRO, 1998). A diversidade e a amplitude de climas e solos no Brasil permitem cultivos de inúmeras espécies de flores e plantas ornamentais, de diversas origens (nativas, de clima temperado e tropical) com potencial para competir no mercado internacional. Vários países em condições semelhantes às do Brasil conquistaram seu espaço no comércio internacional da floricultura, como Índia, Uganda, Costa Rica e Austrália. Colômbia e Equador, em condições favoráveis, tornaram-se rapidamente grandes exportadores mundiais de flores de corte.

Em 2002 o Brasil exportou US\$15 milhões de produtos da floricultura, tendo como carro-chefe mudas de ornamentais e plantas vivas (US\$8,3 milhões), seguidas de bulbos, tubérculos e rizomas (US\$4,0 milhões), folhas, folhagens e musgos para floricultura (US\$1,4 milhão) e flores cortadas para buquês (US\$1,2 milhão) (KIYUNA; FREITAS; CAMARGO, 2003), ocupando, portanto, cerca de 0,2% do mercado mundial, avaliado em US\$6,7 bilhões. O Instituto de Economia Agrícola (IEA) estima que cerca de 10% da produção da floricultura brasileira, em 2002, foi destinada ao comércio exterior.

Embora as expectativas sejam promissoras, o País ainda não desabrochou, visto que o desempenho das exportações brasileiras de plantas vivas e produtos de floricultura na década de 1990 não indicou tendência definida nos valores exportados, sendo negativa a taxa de crescimento do total exportado do setor (-0,5% a.a.), no período 1992-2000 (PEROSA, 2002).

No entanto, dados mais recentes indicam que está ocorrendo reversão nessa tendência, com crescimento nas exportações brasileiras (2,7% a.a.) quando se considera o período 1989-2002, com crescimento significativo na categoria de bulbos (14,7% a.a.), mudas (6,6% a.a.) e folhagens (3,4% a.a.). Do mesmo modo, ocorreu crescimento anual positivo também no saldo da balança comercial desses produtos de 9,7%, 2,9% e 2,7%, respectivamente (Tabela 1).

O retrato da floricultura brasileira é difícil de ser conhecido devido à ausência de dados bem estabelecidos, recentes e detalhados. O último Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1995-96 (CENSO, 2002), levantou alguns dados relativos à produção de flores, plantas ornamentais e grammas, que não foram divulgados. Por outro lado,

---

<sup>1</sup>Este trabalho faz parte da pesquisa NRP1067, cadastrada no Sistema de Informações Gerenciais dos Agronegócios (SIGA). Os autores agradecem a colaboração de Michele Cristina de Moraes e da Técnica de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnologia Maria Cristina Teixeira de Jesus Rowies. Agradecem também à Sociedade Brasileira de Floricultura e ao Instituto Brasileiro de Floricultura (IBRAFLO), o convite e a autorização para explorar os dados de campo de seu Levantamento 2001-02.

<sup>2</sup>Engenheira Agrônoma, Mestre, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: ikuyo@iea.sp.gov.br).

<sup>3</sup>Estatística, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: veralfrancisco@iea.sp.gov.br; e-mail: caser@iea.sp.gov.br).

<sup>4</sup>Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: coelho@iea.sp.gov.br; e-mail: rassumpcao@iea.sp.gov.br).

<sup>5</sup>Analista de Sistema, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: alberto@iea.sp.gov.br).

TABELA 1 - Taxa de Crescimento Anual da Balança Comercial Brasileira de Produtos da Floricultura, Períodos 1989-2002 e 1992-2000

	Exportação		Importação		Saldo	
	Taxa cresc. (%)	Período	Taxa cresc. (%)	Período	Taxa cresc. (%)	Período
A - Total	2,7	1989 a 02	22,6	1989 a 02	-4,1	1989 a 02
	-0,5	1992 a 00	29,4	1992 a 00	-	-
B - Bulbos, etc.	14,7	1989 a 02	27,8	1989 a 02	9,7	1989 a 02
	8,8	1992 a 00	23,7	1992 a 00	-	-
C - Mudanças, etc.	6,6	1989 a 02	17,5	1989 a 02	2,9	1989 a 02
	4,8	1992 a 00	27,3	1992 a 00	-	-
D - Flores	-15,6	1989 a 02	56,7	1989 a 02	-	-
	-24,1	1992 a 00	18,9	1992 a 00	-	-
E - Folhagens	3,4	1889 a 02	5,5	1991 a 02	2,7	1989 a 02
	0,6	1892 a 00	12,9	1992 a 00	-	-

Fonte: Elaborada pelos autores com dados do SECEX (2003) e Perosa (2002).

Graziano (2002) diagnosticou a produção de flores e plantas ornamentais no Brasil baseado em dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Floricultura (IBRAFLOR) em 2001-02, junto aos produtores de quinze estados brasileiros, o que permitiu conhecer o perfil detalhado dos floricultores entrevistados.

Para a floricultura paulista, existem dados levantados pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, a qual realizou o Levantamento de Unidades Produtivas Agrícolas (Projeto LUPA) em 1995-96, que foram analisados em Francisco; Pino; Kiyuna (2003a, b). Dada a importância do Estado de São Paulo na floricultura brasileira, em termos de produção, nível tecnológico, estrutura de mercado, comercialização, tanto interna como externa, estes estudos refletem, com certa aproximação, o que acontece com o setor no Brasil, porém com alguma defasagem, uma vez que este setor é dinâmico e nos últimos anos ocorreram mudanças significativas em alguns municípios produtores como Holambra e Atibaia. Também no Estado do Ceará essa é uma forte tendência, principalmente nos municípios das serras de Ibiapaba e Baturité.

Dado este panorama, qual será o retrato atual da floricultura brasileira no que tange à área cultivada, mão-de-obra empregada, nível tecnológico adotado, dispersão geográfica, capacidade produtiva e exportadora? O conhecimento de perfil dos floricultores brasileiros e o dimensionamento da estrutura produtiva do setor contribuem para identificar gargalos, fornecer subsídios aos agentes envolvidos e encontrar as soluções dos problemas enfrentados.

## 2 - OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é delinear o retrato atualizado da floricultura brasileira com base em dados objetivos e abrangentes. Especificamente serão abordados o perfil dos floricultores brasileiros, a dispersão geográfica do setor e o dimensionamento da estrutura produtiva e de comercialização interna e externa.

## 3 - METODOLOGIA

Neste trabalho, o perfil recente dos floricultores brasileiros e sua estrutura produtiva serão delineados a partir dos dados levantados com os produtores pelo IBRAFLOR em 2001-02. Segundo Graziano (2002), os produtores foram entrevistados nas unidades produtoras, em sedes de cooperativas ou associações de classe e centro de comercialização, com critério adaptado a cada região, merecendo "*ser destacada a dificuldade de obtenção das informações junto aos produtores mesmo com utilização, pelos entrevistados de campo, de Cartas de Apresentação e Circular, emitidas pelo IBRAFLOR. Em função desta realidade, as informações obtidas dos questionários refletem a amostra pesquisada sem, contudo, representar a realidade dos Estados*".

Nesta pesquisa, o perfil dos produtores e o retrato da floricultura delineado a partir do Levantamento Ibraflor serão inferidos para a floricultura brasileira, quando viável, tendo como referência a população de produtores de flores, plantas ornamentais e gramas levantada no Censo Agropecuário. Levando-se em conta a exis-

tência da desigualdade e assimetria entre os tipos de floricultores, municípios produtores e também no dinamismo do setor ocorrido no final do século XX e início do XXI, foi analisada a representatividade dos floricultores levantados pelo IBRAFLORE em relação à população do Censo Agropecuário, quanto às variáveis que tangem ao nível tecnológico, à inserção no mercado e à região produtora.

Os aspectos correlacionados ao absentismo do produtor de flores serão estudados pressupondo que a característica de morar ou não na propriedade pode ter ligação com aspectos relacionados às características empresariais. A hipótese de que o produtor absentista possui características empresariais será testada mediante a utilização de algumas variáveis *dummy* de gerenciamento. O absentismo não é, provavelmente, uma variável *dummy* ideal para representar a capacidade gerencial do produtor, pois está mais relacionada à existência de uma boa estrutura de locomoção para os trabalhadores do setor agropecuário que tendem, nesse caso, a morar no meio urbano devido às facilidades que a cidade oferece. Entretanto, essas facilidades servem de catalisador para que a capacidade empresarial do produtor se manifeste por meio das possibilidades que o maior acesso à informação técnica, à mídia e à informática oferecem, tornando o absentismo, portanto, um indicador de gerenciamento por via indireta.

O teste de qui-quadrado de independência foi utilizado para verificar se a classificação dos produtores quanto aos indicadores de gerenciamento era independente da classificação quanto ao absentismo (SAS INSTITUTE, 1988). No caso, utilizou-se a estatística de qui-quadrado de Pearson, que testa a hipótese alternativa de associação geral entre as variáveis. Dada a existência de dependência, calcularam-se os riscos relativos, ou seja, a relação do risco da presença do indicador em produtores não residentes, comparado ao risco da presença do indicador em produtores residentes, e a razão de chance, que é a relação de a probabilidade do produtor residente possuir a presença do indicador, comparada à probabilidade do produtor não residente possuí-la, como medidas de associação.

Para caracterizar a floricultura brasileira no início do século XXI, retratando o setor com maior confiabilidade e abrangência, e realizar o mapeamento da produção de flores e plantas

ornamentais no Brasil, serão analisados dados das várias fontes utilizadas nesta pesquisa tendo como hipóteses as considerações acima.

## 4 - RESULTADOS

### 4.1 - Contextualização dos Produtores Entrevistados no Cenário Nacional da Floricultura

No Censo Agropecuário de 1995-96 (CENSO, 2002) há dados sobre a floricultura em 27 Unidades da Federação do Brasil, totalizando 7.501 estabelecimentos agropecuários em 1.458 municípios produtores. O levantamento do IBRAFLORE em 2001-02 (IBRAFLORE, 2002) abrangeu 297 municípios (com 88 novos municípios que não constam no Censo) e 1.323 floricultores, representando 18% dos produtores e 20% dos municípios em relação ao Censo Agropecuário (Tabela 2).

Em termos de número de produtores levantados pelo IBRAFLORE em relação ao do Censo Agropecuário, os Estados mais representados são: Amazonas (160%), Alagoas (127%), São Paulo (56%), Santa Catarina (29%) e Ceará (23%). Destes, em termos absolutos, ou seja, em número de produtores pesquisados pelo IBRAFLORE, são os mais representativos São Paulo (818 produtores) e Santa Catarina (114 produtores).

Já os com representatividade moderada são: Pará (16%), Espírito Santo (14%), Minas Gerais (14%) e Paraná (11%), dos quais em termos absolutos, os mais representados são Paraná, com 122 produtores entrevistados, e Minas Gerais com 86.

Os Estados que tiveram pequena porcentagem de produtores entrevistados pelo IBRAFLORE são: Rio de Janeiro (7%), Goiás (6%), Rio Grande do Sul (4%), Pernambuco (3%), Bahia (3%) e Paraíba (1%). O Rio Grande do Sul que é uma Unidade da Federação muito importante na floricultura brasileira, com 1.445 estabelecimentos agropecuários levantados no Censo Agropecuário 1995-96, teve apenas 52 produtores entrevistados pelo IBRAFLORE. Outros Estados com número ainda menor de entrevistados são: Rio de Janeiro (25), Pernambuco (25), Bahia (19), Goiás (5) e Paraíba (1).

No Amapá não há registro de estabelecimento agropecuário dedicado à floricultura, tanto no Censo Agropecuário como no Levantamento

TABELA 2 - Número de Informantes Produtores de Flores e Plantas Ornamentais do Levantamento Ibraflor 2001-02 e do Censo Agropecuário 1995-96

Estado	Levantamento Ibraflor (A)	Censo agropecuário (B)	(A)/(B) (%)
Acre	-	34	-
Alagoas	33	26	127
Amapá	-	-	-
Amazonas	8	5	160
Bahia	19	658	3
Ceará	24	103	23
Distrito Federal	-	35	-
Espírito Santo	13	95	14
Goiás	5	78	6
Maranhão	-	63	-
Mato Grosso	-	9	-
Mato Grosso do Sul	-	9	-
Minas Gerais	86	637	14
Pará	11	67	16
Paraíba	1	111	1
Paraná	122	1.111	11
Pernambuco	25	756	3
Piauí	-	37	-
Rio de Janeiro	25	358	7
Rio Grande do Norte	-	4	-
Rio Grande do Sul	52	1.445	4
Rondônia	-	30	-
Roraima	-	8	-
Santa Catarina	114	397	29
São Paulo	818	1.465	56
Sergipe	-	8	-
Tocantins	-	12	-
<b>Total</b>	<b>1.323</b>	<b>7.501</b>	<b>18</b>

Fonte: Elaborada pelos autores com base em CENSO (2002) e IBRAFLO (2002).

Ibraflor. Nas demais Unidades da Federação foram os seguintes os números dos entrevistados no Censo Agropecuário: Acre (34), Distrito Federal (35), Maranhão (63), Mato Grosso (9), Mato Grosso do Sul (9), Piauí (37), Rio Grande do Norte (4), Rondônia (30), Roraima (8) Sergipe (8) e Tocantins (12).

Entre os 297 municípios levantados pelo IBRAFLO, 209 tiveram levantamento também no Censo Agropecuário, tendo, portanto, 88 novos municípios produtores de flores, pelo menos, no mapa do Brasil. Qual será a posição relativa dos 209 municípios (*ranking*) em termos de valor da produção brasileira de flores, plantas ornamentais e gramas?

A porcentagem acumulada do valor da produção de flores, plantas ornamentais e gramas dos 1.458 municípios levantados pelo Censo Agropecuário indicou uma grande concentração

econômica do setor e, portanto, uma grande assimetria entre os municípios no *ranking*. Os 20% dos municípios brasileiros mais importantes no *ranking* (Estrato 1) totalizaram 95% do valor da floricultura brasileira em 1995/96. Considerando os municípios comuns aos dois levantamentos (CENSO e IBRAFLO), nesse estrato apareceram 121 municípios do Levantamento Ibraflor, portanto 58% dos municípios do Censo Agropecuário, indicando boa representatividade nas variáveis relacionadas ao valor da produção e conseqüentemente às relacionadas ao nível tecnológico, sistemas de produção e de comercialização (Tabela 3 e Figura 1).

Embora em menor número e porcentagem, os produtores pesquisados pelo IBRAFLO estavam também representados em todas as faixas de valor da produção, tendo 33 municípios (16%) no Estrato 2, 28 levantados pelo IBRAFLO

TABELA 3 - Representatividade dos Municípios Levantados pelo IBRAFLORE em 2001-02 em Relação aos Municípios Levantados pelo Censo Agropecuário 1995-96 (em n.)

Ranking	Municípios do censo	Municípios IBRAFLORE	IBRAFLORE (%)	Valor prod. acum.(%)
Estrato 1	1-291	121	58	95,0
Estrato 2	292-582	33	16	98,7
Estrato 3	583-873	28	13	99,7
Estrato 4	874-1164	13	6	100,0
Estrato 5	1165-1458	14	7	100,0
Total	1.458 municípios do censo	209	100	100,0

Fonte: Elaborada pelos autores com base em CENSO (2002) e IBRAFLORE (2002).

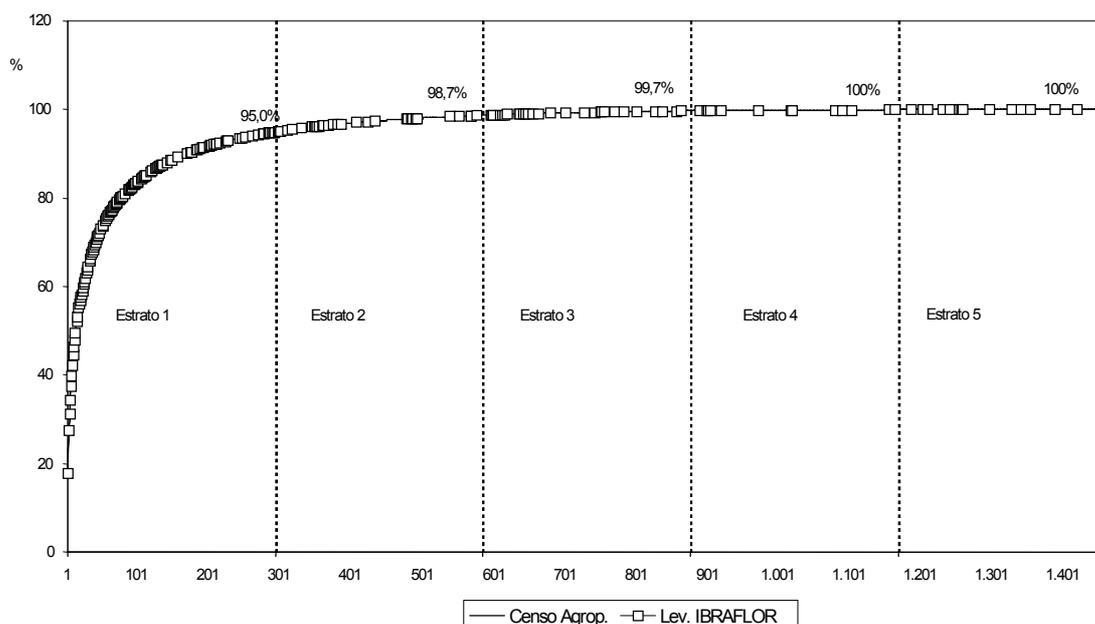


Figura 1 - Porcentagem Acumulada do Valor da Produção de Flores, Plantas Ornamentais e Gramas e Posição Relativa dos Municípios Levantados pelo IBRAFLORE dentro do Ranking.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em CENSO (2002) e IBRAFLORE (2002).

(13%) no Estrato 3, 4 (6%), e 5 (7%) nos Estratos 4 e 5, respectivamente. Se em 1995-96 os municípios pertencentes ao Estrato 1 eram os mais dinâmicos em termos de tecnologia, produção e relação com o mercado, representando 95% do valor produzido, os demais municípios, do Estrato 2 a 5 representavam o potencial produtivo que poderia ser realizado quando os fatores que impulsionam o setor estivessem presentes.

#### 4.2 - Caracterização e Organização do Produtor

Aspectos sócio-econômicos, como níveis de organização do produtor, seu grau de ab-

senteísmo, utilização de mão-de-obra e de assistência técnica e outros indicadores ajudam a traçar um perfil do floricultor.

De forma geral, mais da metade dos produtores entrevistados no Levantamento Ibraflor (58%, equivalendo a 60% da área cultivada) apresentam algum tipo de associativismo. Entretanto, analisando-se as diversas unidades federativas, esses percentuais variam de 25% a 100% em número de produtores e de 10% a 100% em área cultivada. No Amazonas, 63% se declararam associados, mas suas áreas correspondem a apenas 10% da área total, indicando que esses associados tendem a cultivar áreas menores. Da mesma forma, no Paraná, enquanto quase metade era associada ou cooperada, os

produtores correspondiam a 18% da área de flores abrangida pelo levantamento no estado. O inverso ocorre no Rio Grande do Sul e no Pará onde 44% e 46% dos produtores ligados a alguma organização de classe cultivam 74% e 69% das áreas, respectivamente, ou seja, os associados e/ou cooperados tendem a cultivar áreas maiores (Tabelas 4 e 5).

O Estado de São Paulo apresentou a maior diversidade de associações e cooperativas sendo as mais freqüentes, segundo os produtores: SINCOMFLORES, PROFLORES e VEILING HOLAMBRA. Em Santa Catarina foram as mais citadas a APROESC e MERCAFLORES, no Rio Grande do Sul, CAÍ FLORES e ASFLORES, e no Paraná, AGRAFLORES e MERCOFLORES. Nos outros Estados as organizações mais citadas foram AFLORAL em Alagoas, AFPAM no Amazonas, FLORASUL na Bahia, AFLORAR no Ceará, ASFLORES no Espírito Santo, ASFLORES em Goiás, ABARFLORES em Minas Gerais, AFLORBEN no Pará, FLORAPE em Pernambuco e, finalmente, PLANTA RIO no Rio de Janeiro.

A assistência técnica é importante para a floricultura moderna, principalmente a voltada para o mercado externo, tendo em vista a necessidade do conhecimento de vários aspectos da produção, como irrigação, fertirrigação, controles fitossanitários, controle de floração e qualidade do produto pós-colheita. A significativa parcela de 56% da área coberta do Levantamento Ibraflor é assistida por técnicos da assistência privada contra apenas 8% por técnicos da rede oficial. Observa-se que os Estados onde ocorre a maior porcentagem de área plantada, sem que o proprietário seja assistido tecnicamente são, novamente, Amazonas e Paraná na ordem de 79% e 66%, respectivamente. Por outro lado, quase 100% da área do Rio de Janeiro, Goiás, Alagoas e Pernambuco e cerca de 80% de Minas Gerais e Santa Catarina estão assistidas por técnicos da rede privada.

O treinamento serve para preparar os produtores para uma nova atividade e/ou para aperfeiçoamento gerencial e tecnológico e também para mantê-los em contato contínuo com novos produtos e tecnologias de produção. Os Estados de São Paulo e Minas Gerais apresentaram os menores percentuais nesse item, tanto em número de produtores como em área de flores, provavelmente devido à existência de maior porcentagem de produtores tradicionalmente es-

tabelecidos na atividade com domínio técnico, ao contrário de estados onde a floricultura é mais recente e tende a procurar treinamento com maior freqüência, imprimindo maior dinamismo ao setor como ocorre em vários municípios produtores do Ceará.

Quanto à utilização de crédito, geralmente os percentuais de participação de produtores que o utilizam são menores se comparados com os correspondentes percentuais de área de flores, isto é, os que têm acesso ao crédito tendem a ter áreas com floricultura maiores. Em alguns Estados como o Paraná, os dados são bem discrepantes, pois apenas 25% dos que declaram utilizar o crédito rural são responsáveis por 68% da área total de flores, isto é, ocorre concentração de crédito entre grandes produtores.

Quanto à residência do produtor na propriedade ocorrem extremos, pois, por um lado os Estados que apresentam os menores índices, Alagoas (8%) e Ceará (17%), também apresentam baixos percentuais de área com flores na propriedade (8% e 18%, respectivamente). E por outro lado, Estados como Amazonas, Pará e Paraná com grande índice de residência, de 50%, 46% e 62%, também apresentam baixas participações em área com floricultura, de 21%, 12% e 30%, respectivamente. Em ambos os casos, provavelmente, os produtores estão entrando nessa atividade recentemente e/ou explorando a floricultura como atividade secundária ou complementar na propriedade.

Na análise dos indicadores de gerenciamento por estrato de área com flores, observou-se que entre os produtores enumerados no Levantamento Ibraflor com área superior a 10ha (principalmente entre 20 e 50ha) encontram-se os maiores percentuais de organização deles tanto em cooperativas como em associações, de recebimento de assistência técnica (com maior peso para a privada) e o uso de escrituração agrícola, treinamento e crédito. Para a exportação, os maiores percentuais estão na classe de produtores de 2 a 10 hectares, correspondendo a 53,4% da área total levantada pelo IBRAFLORES, em vista provavelmente da predominância nesses estratos de grandes produtores brasileiros especializados na exportação de mudas de plantas ornamentais (principalmente crisântemo e orquídeas) para Europa, Estados Unidos e Japão, assim como de bulbos, tubérculos e rizomas, que são o carro-chefe da pauta de exportação de produtos da floricultura

TABELA 4 - Produtores de Flores por Indicadores de Gerenciamento, Levantamento Ibraflor, 2001-02  
(em %)

Estado	Número total	Cooperados	Associados	Cooperados e associados	Assistência técnica			Faz escrituração	Faz treinam.	Usa crédito	Reside na propr.
					Não	Oficial	Privada				
Alagoas	33	-	93,9	-	3,0	-	97,0	100,0	97,0	39,4	12,1
Amazonas	8	-	62,5	-	62,5	-	37,5	-	62,5	-	50,0
Bahia	19	5,3	47,4	-	52,6	10,5	36,8	57,9	84,2	26,3	52,6
Ceará	24	4,2	45,8	-	29,2	54,2	16,7	37,5	41,7	20,8	16,7
Espírito Santo	13	7,7	-	7,7	46,2	7,7	46,2	46,2	61,5	23,1	76,9
Goiás	5	-	80,0	20,0	20,0	-	80,0	20,0	60,0	-	-
Minas Gerais	86	9,3	41,9	3,5	8,1	-	91,9	14,0	14,0	4,7	86,0
Pará	11	9,1	45,5	-	18,2	27,3	54,5	36,4	90,9	9,1	45,5
Paraíba	1	-	100,0	-	-	-	100,0	-	100,0	-	-
Pernambuco	25	-	96,0	-	20,0	-	80,0	68,0	80,0	52,0	32,0
Paraná	121	23,8	25,4	-	43,4	32,0	24,6	64,8	91,0	24,6	61,5
Rio de Janeiro	25	-	84,0	4,0	8,0	-	92,0	4,0	92,0	8,0	52,0
Rio Grande do Sul	52	-	44,2	13,5	34,6	25,0	40,4	51,9	69,2	57,7	63,5
Santa Catarina	114	0,9	36,8	-	32,5	11,4	56,1	20,2	54,4	28,9	71,9
São Paulo	819	12,5	41,6	5,3	53,5	4,9	41,6	65,6	28,7	35,0	75,4
Brasil	1.356	10,6	43,0	4,1	43,7	9,1	47,2	56,0	43,1	31,3	69,2

Fonte: Elaborada pelos autores com base em IBRAFLOR (2002).

TABELA 5 - Área Cultivada por Indicadores de Gerenciamento, Levantamento Ibraflor, 2001-02  
(em %)

Estado	Total (ha)	Cooper.	Assoc.	Cooper. e assoc.	Assistência técnica			Faz escritur.	Faz treinam.	Usa crédito	Reside na propr.
					Não	Oficial	Privada				
Alagoas	66,3	-	97,6	-	4,1	-	95,9	100,0	96,4	41,9	8,3
Amazonas	12,1	-	10,3	-	79,4	-	20,6	-	74,4	-	21,1
Bahia	41,8	7,1	23,6	-	42,4	25,9	31,7	89,1	73,9	52,7	44,0
Ceará	46,9	9,1	38,5	-	38,7	46,6	14,7	40,9	44,3	35,0	18,3
Espírito Santo	10,0	7,7	-	2,9	15,8	8,6	75,6	67,9	54,5	23,0	74,2
Goiás	31,6	-	98,7	1,3	3,1	-	96,9	1,3	95,8	-	-
Minas Gerais	141,7	14,4	44,4	9,1	18,0	-	82,0	26,2	24,3	11,0	72,9
Pará	44,5	0,7	61,8	-	10,1	23,5	66,4	56,7	91,0	9,0	11,8
Paraíba	3,0	-	100,0	-	-	-	100,0	-	100,0	-	-
Pernambuco	53,2	-	97,9	-	7,5	-	92,5	72,6	68,9	34,1	12,0
Paraná	138,0	6,3	11,8	-	65,9	8,5	25,5	87,8	91,4	68,3	30,4
Rio de Janeiro	136,0	-	74,0	0,0	2,2	-	97,8	1,8	96,9	24,0	49,3
Rio Grande do Sul	125,6	-	74,1	1,0	26,8	11,0	62,2	37,3	84,7	74,4	51,2
Santa Catarina	592,5	1,6	38,9	-	15,4	5,1	79,5	61,8	65,9	44,2	71,3
São Paulo	3.675,1	13,0	45,4	3,9	42,9	8,6	48,5	73,8	32,0	33,1	70,8
Brasil	5.118,1	10,2	46,9	3,1	36,3	8,0	55,7	67,5	43,2	35,1	65,6

Fonte: Elaborada pelos autores com base em IBRAFLOR (2002).

brasileira. Esses produtores apresentam um perfil diferenciado dos demais em termos de especialização, de escala de produção e inserção no mercado internacional, pois vários deles já estão solidamente estabelecidos na atividade, sobretudo os que realizam comércio com a Holanda, principal cliente brasileiro há décadas (Tabela 6).

Pressupõe-se que o produtor inserido no mercado tenha características empresariais, na forma de gerenciamento. Com alta significância, rejeita-se a hipótese de independência entre a residência do produtor e os principais indicadores de gerenciamento, isto é, as variáveis relacionadas com o gerenciamento e o absenteísmo são

TABELA 6 - Percentual de Produtores por Indicadores de Gerenciamento e Estrato de Tamanho de Área com Flores na Propriedade, Levantamento Ibraflor, 2001-02

Estrato (ha)	Número produt.	Área (ha)	Cooper.	Assoc.	Cooper.e assoc.	Assistência técnica		
						Não	Oficial	Privada
(0,1]	49,6	5,3	11,6	37,5	4,1	45,3	11,9	42,7
(1,2]	15,4	6,7	11,2	44,9	4,7	38,8	6,5	54,7
(2,5]	20,5	19,3	6,3	54,9	4,2	39,8	6,0	54,2
(5,10]	7,6	15,3	12,3	51,9	3,8	46,2	6,6	47,2
(10,20]	3,4	12,5	6,4	48,9	2,1	48,9	-	51,1
(20,50]	2,7	24,0	23,7	73,7	2,6	21,1	7,9	71,1
Acima de 50	0,7	16,8	10,0	20,0	-	-	20,0	50,0

Estrato (ha)	Faz escrituração	Faz treinamento	Usa crédito	Residência na prop.
(1,2]	56,1	42,5	39,3	3,7
(2,5]	59,9	38,0	30,6	13,7
(5,10]	58,5	33,0	40,6	13,2
(10,20]	63,8	40,4	38,3	2,1
(20,50]	60,5	60,5	52,6	10,5
Acima de 50	100,0	50,0	20,0	-

Fonte: Elaborada pelos autores com base em IBRAFLO (2002).

altamente correlacionadas. De fato, em todos os indicadores, o que apresentou um risco relativo maior foi o de exportação, com 4,7483, o que significa que as chances de produtores exportarem são 4,75 vezes maiores entre os absenteístas do que os residentes. Ter treinamento, ser cooperado, utilizar assistência técnica e existência de escrituração agrícola também se mostraram elementos associados positivamente (riscos relativos > 1) à não residência do produtor (Tabela 7).

Comumente aponta-se uma associação entre o nível de escolaridade do produtor e indicadores de gerenciamento da propriedade. Entretanto, segundo Francisco; Pino; Kiyuna (2003a) não houve evidências estatísticas dessa associação no caso dos floricultores do Estado de São Paulo, porém, conforme esses autores, diferenças culturais medidas pela origem do floricultor refletem-se nos níveis de modernização do setor como o uso do computador, de mão-de-obra familiar e permanente e no índice de absenteísmo. No Estado paulista os floricultores mais freqüentes quanto à origem são os japoneses e os germânicos (maioria holandesa). Os produtores de origem germânica destacaram-se em relação aos demais produtores na utilização de computador na atividade agropecuária, com 50,8% das propriedades informatizadas, bem acima da freqüência observada

em propriedades de origem japonesa, com 9,3%. No entanto, os japoneses apontaram maior freqüência no uso de laboratórios, salas com equipamentos apropriados para a cultura meristemática, utilizada principalmente na propagação de orquídeas. Os floricultores japoneses apresentaram maior índice de residência na propriedade (FRANCISCO; PINO; KYUNA, 2003b).

#### 4.3 - Área Cultivada

No Levantamento Ibraflor a área total cultivada com floricultura foi de 5.118,1 hectares, divididas em: 3.606,9 (70,5%) em campo, 1.343,9 (26,3%) em estufa e 167,3 (3,3%) em telado (GRAZIANO, 2002). O Estado que apresentou a maior área foi São Paulo com 72% da área total abrangida pelos produtores entrevistados. Segundo dados censitários, nos últimos anos do século XX, a floricultura paulista ocupava 3.564,5 hectares em 1.166 UPAs (imóveis rurais), concentrando-se em quinze municípios situados dentro de um triângulo imaginário formado pelas coordenadas: ao Norte (-47,04W; -22,05S), acima do município de Holambra; ao Sul (-48,06W; -24,93S); e a Leste (-45,82W; -23,44S), na vizinhança do município de Mogi das Cruzes (FRANCISCO; PINO; KIYUNA, 2003a).

TABELA 7 - Indicadores de Gerenciamento, Estatísticas de Qui-quadrado de Independência e Risco Relativo

Indicadores	Qui-quadrado	Razão de chance	Risco relativo	Intervalo de confiança de 95%	
				Inferior	Superior
Cooperados	7,8648*	0,6388	1,4578	1,1219	1,8944
Associados	1,3043	0,8719	1,0742	0,9515	1,2128
Assistência técnica					
Utiliza	11,2906*	0,6612	1,1860	1,0783	1,3045
Oficial/privada	0,1614	1,0874	0,9862	0,9212	1,0557
Escrituração	6,1594**	0,7383	1,1367	1,0307	1,2370
Treinamento	56,5206*	0,4022	1,6149	1,4345	1,8180
Crédito	0,0865	1,0389	0,9741	0,8171	1,1611
Exporta	55,5304*	0,1883	4,7483	3,0213	7,4626

\*Significativo ao nível de 0,1%.

\*\*Significativo ao nível de 1,5%.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em IBRAFLO (2002).

O Levantamento Ibraflor indicou a presença de 818 floricultores paulistas no início do século XXI - cerca de 56% dos 1.465 produtores do Censo Agropecuário no Estado - que cultivam 3.675 hectares em 97 municípios, com média de 4,5 hectares por produtor. Considerando que os produtores não entrevistados eram, em maior parte, pertencentes a municípios pouco expressivas e/ou eram produtores com menor inserção no mercado, pode-se assumir que as propriedades não contempladas possuíam área com floricultura, de maneira geral, inferior a dos entrevistados<sup>6</sup>. Pressupondo-se uma área média de dois hectares de flores nesses estabelecimentos (cerca de 665 produtores), chega-se a uma área total da floricultura paulista em torno de 5.000 hectares.

Considerando que o Estado de São Paulo produz 70% do valor da produção brasileira de flores, plantas ornamentais e gramas, e apresenta a maior produtividade (quase dobro) por hectare, devido ao maior nível tecnológico em relação aos demais estados (exceto Ceará), pode-se inferir que os restantes 30% do valor da produção são produzidos em cerca de 4.000 hectares com floricultura. A área com floricultura brasileira, portanto, estimada nesta pesquisa é da

ordem de 9.000 hectares, bem acima da estimativa normalmente atribuída pelo setor.

Chega-se à magnitude semelhante partindo da área total do Levantamento Ibraflor no Brasil de 5.118,1ha, com a área média de 3,7ha por produtor, pertencentes aos 18% dos produtores do Censo Agropecuário (7.501 estabelecimentos agropecuários em 1996). Os principais Estados produtores, depois de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, apresentam significativa parcela de pequenos produtores, de menos de um hectare, fato pelo qual colabora para inferir-se que a área média entre os produtores não entrevistados pela IBRAFLO seja bem inferior, levando-se de novo em conta que, esses sejam produtores e/ou municípios com menor inserção no mercado, estando a maioria deles situados fora do Estado de São Paulo. Se se considerar uma área média de 0,65ha por propriedade para os estabelecimentos não entrevistados, chega-se à área de 9.000ha da floricultura no Brasil. Na hipótese de uma área média um pouco maior (0,8ha), para as propriedades não contempladas pelo IBRAFLO, chega-se a um número de 10.000 hectares cultivados na floricultura brasileira.

O tamanho médio estadual das áreas com flores oscilaram entre 0,8 e 6,3ha no Espírito Santo e Goiás, respectivamente, enquanto os Estados do Rio de Janeiro (5,4ha), Santa Catarina (5,2ha), São Paulo (4,5ha) e Pará (4,1ha) apresentaram médias superiores em relação à média (3,8ha) das propriedades abrangidas pelo Levantamento Ibraflor (GRAZIANO, 2002). Quan-

<sup>6</sup>Os floricultores brasileiros tecnificados cultivam, de uma maneira geral, áreas menores devido ao alto valor de investimento em estufas e mecanização. Mas as áreas menores são também características de produtores que estão à margem dos grandes canais de comercialização, produzindo em menor escala para atender a demanda regional.

to à distribuição por tamanho da área de flores em cada propriedade, verifica-se que somente 5,3% da área total do Levantamento Ibraflor encontra-se em propriedades com até um hectare, embora representem quase 50% das propriedades (Tabela 6). No Rio Grande do Sul e no Paraná, grandes produtores depois de São Paulo, há grande concentração de propriedades pequenas de até um hectare. Apenas em São Paulo e Santa Catarina verificou-se a existência de propriedades acima de 50 hectares.

A maior parte do plantio de flores estava sob a forma de campo (71%), seguida de estufas (26%) e telado (3%) (GRAZIANO, 2002). Os estados de São Paulo e Santa Catarina apresentaram a maior área média com flores em campo, ambos com 6,2ha, seguido de Rio Grande do Sul e Goiás ambos com 5,9ha. O Rio de Janeiro esteve em primeiro lugar no *ranking* de área média para as técnicas de plantio de estufa (2,5ha) e, principalmente, telado (5,7ha), seguido por Amazonas com 2,0ha em estufa e São Paulo com 0,8ha em telado.

#### 4.4 - Trabalho Rural

A floricultura é uma atividade de grande absorção de mão-de-obra, principalmente familiar e permanente. A maioria dos Estados apresentou uma média de dois trabalhadores familiares permanentes por propriedade, tendo o Pará nove familiares por propriedade. A categoria familiar temporária, isto é, com dedicação parcial e sazonal, aparece em 7 Estados, sendo o Rio Grande do Sul o mais expressivo, com uma média de 13 pessoas por propriedade. Para a categoria assalariado permanente, verificou-se maior variação, ocorrendo as médias mais altas no Estado do Ceará e São Paulo, onde se encontram propriedades com estufas, grandes demandadoras de mão-de-obra. Quanto aos assalariados temporários, apenas nos Estados do Amazonas e da Paraíba não houve ocorrências de utilização dessa categoria de trabalhador. Nos demais Estados, as médias variaram entre dois em Alagoas e 17 trabalhadores no Ceará (Tabela 8). De forma geral, ocorreu emprego de mão-de-obra temporária em todos os meses com oscilação em torno de 45% entre o mês de menor e maior demanda de trabalho sazonal (Figura 2). A absorção desse tipo de trabalho apresentou um pico em dezem-

bro e uma forte depressão em abril. Há dois períodos de maior emprego de trabalho temporário, o primeiro de outubro a fevereiro e o segundo, menos acentuado, em maio (Figura 3). A maior demanda de mão-de-obra temporária ocorreu devido às datas comemorativas como, o Dia de Fimado e Natal, para o primeiro período assinalado, e Dia das Mães, para o segundo, quando acontecem os picos de vendas no varejo brasileiro.

O dado do Levantamento Ibraflor chegou à média brasileira de 3,7 homens/ha e de 3,8 homens/ha para a floricultura paulista. Quando os trabalhadores são agrupados de acordo com o tamanho da área com flores na propriedade, observa-se que a quantidade de empregos é inversamente proporcional ao tamanho da área. Isso ocorre porque as pequenas áreas são, em geral, de estufas, com utilização intensiva de mão-de-obra e capital, permitindo maior renda por metro quadrado como ocorre na produção de flores de alto valor agregado como rosas, cravos, lírios e orquídeas.

Vale ressaltar que, em Minas Gerais, Pará, Paraná e Rio de Janeiro já aparecem quantificações da categoria do denominado trabalhador terceirizado no setor de flores. Esse trabalhador é também temporário, mas sua relação contratual difere dos demais trabalhadores sazonais.

Segundo o Levantamento Ibraflor, os produtores paulistas que cultivam áreas de até um hectare têm altíssima utilização de mão-de-obra (20 homens/ha) o que é coerente levando em consideração que nesse estrato de área a incidência de cultivo em estufa e o uso de tecnologia sofisticada é maior. Tomando como base essas informações, qual será o número total de trabalhadores empregados na floricultura paulista? Considerando que a média de homens nela empregados por hectare (3,8 homens/ha) é muito próxima da média encontrada no Projeto LUPA de 3,6 homens/ha (FRANCISCO; PINO; KIYUNA, 2003a), chega-se a 19 mil trabalhadores diretos empregados em 5.000 hectares na floricultura em São Paulo.

Do mesmo modo, considerando a média brasileira de 3,7 homens/ha empregados, segundo o Levantamento Ibraflor, chega-se a 33,3 mil trabalhadores diretos empregados em 9.000ha na floricultura brasileira, número bem inferior ao de Malavolta (2000), mas coerente com Castro (1998). De uma maneira geral, as estimativas do número de trabalhadores empre-

TABELA 8 - Mão-de-Obra por Categoria de Trabalhador, Levantamento Ibraflor, 2001-02

Estado	Permanente				Temporário				Terceirizado		Total (n.)
	Familiar		Funcionários		Familiar		Funcionários		Funcionários		
	Número	Média	Número	Média	Número	Média	Número	Média	Número	Média	
Alagoas	61	1,8	116	3,6	-	-	53	1,9	-	-	230
Amazonas	13	1,6	36	4,5	-	-	-	-	-	-	49
Bahia	32	1,7	83	4,9	-	-	35	8,8	-	-	150
Ceará	24	1,1	453	18,9	-	-	68	17,0	-	-	545
Espírito Santo	24	1,8	48	3,7	4	4,0	5	2,5	-	-	81
Goiás	10	2,5	67	13,4	4	4,0	10	3,3	-	-	91
Minas Gerais	185	2,2	912	10,7	15	1,9	69	3,3	6	6	1.187
Pará	87	8,7	62	5,6	-	-	10	10,0	12	12	171
Paraíba	1	1,0	3	3,0	-	-	-	-	-	-	4
Pernambuco	30	1,7	172	6,9	-	-	17	2,8	-	-	219
Paraná	235	2,0	382	3,9	3	3,0	99	3,3	4	4	723
Rio de Janeiro	32	2,0	225	9,0	-	-	25	3,6	24	12	306
Rio Grande do Sul	244	4,9	402	7,9	48	12,5	126	5,9	-	-	820
Santa Catarina	285	2,5	447	5,2	2	2,0	81	4,1	-	-	815
São Paulo	2.044	2,6	11.414	15,9	13	2,6	376	9,5	-	-	13.847
Total geral	3.307	-	14.822	-	89	-	974	-	-	-	19.238

Fonte: Elaborada pelos autores com base em Graziano (2002).

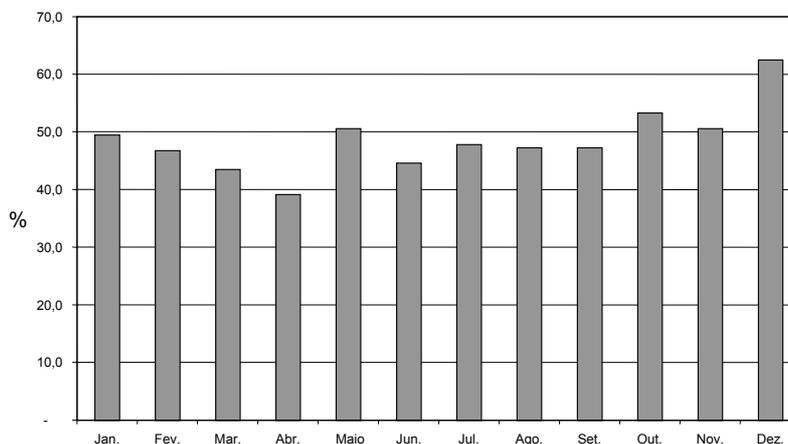


Figura 2 - Percentual de Propriedades com Mão-de-obra Temporária por Mês, Levantamento Ibraflor, 2001-02.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em IBRAFLOR (2002).

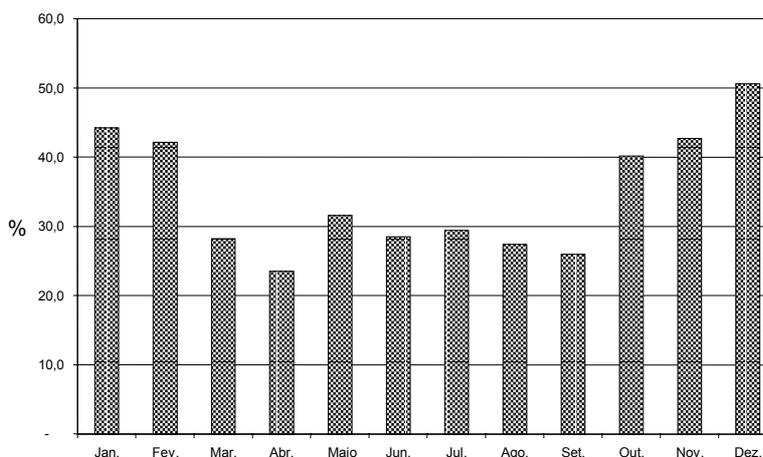


Figura 3 - Percentual de Absorção de Mão-de-obra Temporária, Levantamento Ibraflor, 2001-02.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em IBRAFLOR (2002).

gados na floricultura brasileira tendem a ser maiores, pois são estimados a partir de número médio de trabalhadores por hectare maior.

#### 4.5 - Armazenamento e Transporte

Amazonas e Goiás foram os únicos Estados onde os produtores entrevistados não possuíam câmara fria, segundo dados do Levantamento Ibraflor. São Paulo é o Estado com maior capacidade de armazenamento em câmara fria, ao redor de 34 mil metros cúbicos, seguido de Minas Gerais com cerca de 3 mil metros cúbicos e Rio Grande do Sul e Paraná com 2 mil metros cúbicos. Os demais Estados possuem capacidade abaixo de 400m<sup>3</sup>. Quanto aos galpões de serviço, São Paulo também é o que tem maior capacidade entre os entrevistados, com 264.106 metros quadrados, seguido de Minas Gerais com 34.861m<sup>2</sup>.

O transporte próprio com temperatura ambiente é o mais usual entre todos os estados, entretanto, as freqüências variam de 100%, em Goiás e Paraíba, a 47% em Santa Catarina. Não ocorreu utilização de transporte refrigerado em Alagoas, Goiás, Paraíba e Santa Catarina. As maiores incidências de transporte próprio refrigerado foram em Minas Gerais (25%) e Espírito Santo (23%). Entre os produtores entrevistados

do Espírito Santo houve predominância de produção de flores de corte, enquanto em Minas Gerais vários produtores dedicam-se à produção de folhagens e flores de corte, produtos exigentes na conservação pós-colheita. Ressalta-se que Minas Gerais é especializado na exportação de folhagens para floricultura (SECEX, 2003). No Estado do Rio de Janeiro nenhum produtor declarou utilizar transporte de terceiros (Tabela 9).

#### 4.6 - Estrutura de Comercialização no Mercado Interno e Externo

Entre as estruturas de comercialização citadas no Levantamento Ibraflor, geralmente os floricultores utilizavam-se dos atacadistas, varejistas e outros canais, localizados em seus próprios estados para comercializar seus produtos no mercado interno. São Paulo apresentou o leque mais diversificado, com ocorrência de todas as formas de comercialização, tendo maior peso os *Box* CEA-GESP e atacadistas, e também apresentou grande diversidade de destino de sua produção, sendo os principais, os atacadistas do Rio de Janeiro e Paraná. Os demais estados têm o varejo local como principal opção de comercialização de seu produto (Tabela 10).

Tabela 9 - Transporte Utilizado para escoar a Produção, Levantamento Ibraflor, 2001-02

Estado	Não informou	Próprio			Terceiros			Próprio/terceiro	Total geral
		Refr. <sup>1</sup>	TA <sup>1</sup>	Refr./TA	Refr.	TA	Refr./TA		
Alagoas	-	-	32	-	-	1	-	-	33
Amazonas	-	1	4	-	1	2	-	-	8
Bahia	-	2	11	-	1	5	-	-	19
Ceará	-	2	19	-	2	1	1	-	25
Espírito Santo	-	3	5	-	2	3	-	-	13
Goiás	-	-	5	-	-	-	-	-	5
Minas Gerais	-	21	52	1	10	2	-	-	86
Pará	-	-	6	-	1	4	-	-	11
Paraíba	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Pernambuco	-	-	18	-	1	3	-	3	25
Paraná	-	4	116	-	-	2	-	-	122
Rio de Janeiro	5	1	19	-	-	-	-	-	25
Rio Grande do Sul	-	5	36	-	1	5	2	3	52
Santa Catarina	1	1	54	-	-	51	-	7	114
São Paulo	8	13	730	-	10	55	-	1	817
Total geral	14	53	1.108	1	29	134	3	14	1.356

Refr. = refrigerado; TA = Temperatura ambiente.  
Fonte: Graziano (2002).

TABELA 10 - Destino da Comercialização no Mercado Interno, Levantamento Ibraflor, 2001-02

Unidade Federativa	Box CEAGESP		Atacadistas		Cooperativa		Associações		Garden center		Varejo		Varejo próprio		Outros	
	Local	N.	Local	N.	Local	N.	Local	N.	Local	N.	Local	N.	Local	N.	Local	N.
AL			AL	30			AL	2	PE	1	AL	12	AL	1	AL	16
									SP	1					MG	1
AM			AM	3							AM	3	AM	3	AM	3
			SP	1							SP	1				
BA			BA	8							BA	15	BA	1	BA	11
CE			CE	16	SP	1					CE	14	CE	7	CE	4
			NE	1							NE	1			NE	1
			SP	1											PE	1
ES	SP	1	ES	5	SP	1					MG	1			ES	7
GO			GO	4			GO	2			GO	5	GO	2	GO	1
MG	SP	4	MG	1	SP	6	SP	1			MG	57	MG	2		
											RJ	13				
											SP	2				
PA			PA	4	PA	1			PA	1	PA	4	PA	4	BR	1
															PA	4
PB																
PE	PE	9	AL	1							PE	14			AL	1
			PE	15											PE	14
			SP	2												
PR	PR	5	GO	1	PR	30			PR	6	PR	81	PR	16	PR	36
	SP	2	PR	10	SC	1					SP	1				
RJ	RJ	1	MG	2	SP	1			RJ	1	RJ	12	RJ	11	RJ	9
	SP	4	RJ	4												
			RS	1												
			SP	3												
RS	RS	1	RS	16	RS	8	RS	1	RS	5	RS	39	RS	9	AL	1
			SC	1											RS	25
			SP	1												
SC			GO	1			SC	1	SC	3	PR	2	SC	35	RS	1
			MG	1					SP	1	RS	3			SC	20
			MT	1							SC	68			SP	1
			PR	3							SP	1				
			RN	1												
			RS	6												
			SC	45												
			SP	2												
SP	PR	1	BA	1	SP	113	SP	72	MG	1	MG	4	BR	1	BR	1
	SP	688	DF	1					PE	1	PR	4	PR	2	DF	1
			MG	6					PR	3	RJ	7	SP	23	PR	3
			MT	2					RJ	1	RS	1			RJ	4
			PR	17							SC	2			RS	1
			RJ	22							SP	186			SP	164
			RS	6												
			SC	5												
			SP	259												

Fonte: Elaborada pelos autores com base em IBRAFLOR (2002).

Ainda é pequeno o número de produtores voltados para a exportação, segundo o Levantamento Ibraflor. Estes destinam sua produção, principalmente para a Europa, maior cliente dos produtos da floricultura brasileira (SECEX, 2003). Cada país importador estabelece a preferência por determinado grupo de produtos da floricultura. Assim, os japoneses importaram orquídeas e bromélias, a Holanda apresentou maior diversidade em produtos (mudas de crisântemos, de suculentas e poinsettia, bulbos de amarílis e gladiólos, ananás ornamental de Paracuru, cactos, marantas, orquídeas, lírio, *Hipericum* e rosas de corte de São Benedito). Vários produtores exportadores são de Arthur Nogueira, Mogi Guaçu e Holambra. Os sete produtores entrevistados que exportaram para Inglaterra são de Alagoas e todos remeteram flores tropicais, inclusive antúrios. Para Portugal, país que está se tornando um grande cliente para os produtos brasileiros, exportaram grande variedade de flores: tropicais (incluindo antúrio, helicônias, bastão-do-imperador, alpinias e zingiber), rosas, flores de corte e folhagens.

Os Estados Unidos importaram dos produtores entrevistados, palmeiras, cycas, catlêia, *Oncidium*, mudas de orquídeas, lírio e *Hipericum*. Austrália, Suíça e outros países europeus importaram principalmente mudas de orquídeas. Os clientes da floricultura brasileira na América do Sul são Paraguai, Uruguai e Argentina. Os produtores entrevistados pelo IBRAFLORE exportaram: crisântemo, azaléia e flor desidratada para o Paraguai; begônia, hibisco, cróton e impatiens para Uruguai; palmeiras, cycas, azaléia, rosa e flores de corte para Argentina. Um dos produtores entrevistados, de Holambra (SP), exportou impatiens para Nova Guiné e outro de Urupema (SC), bulbos de gladiólos para Itália.

A forma de envio dos produtos ao mercado externo mais comum foi mediante terceiros; todavia, os produtores já têm acesso direto a alguns países como a Holanda e os Estados Unidos da América, visto que a grande maioria dos produtores envia os produtos diretamente, sinalizando, portanto, especialização para o mercado externo.

#### 4.7 - Mapeamento da Produção e da Exportação Brasileira de Produtos da Floricultura

O Estado de São Paulo lidera o *ranking* do valor de produção de flores, plantas ornamen-

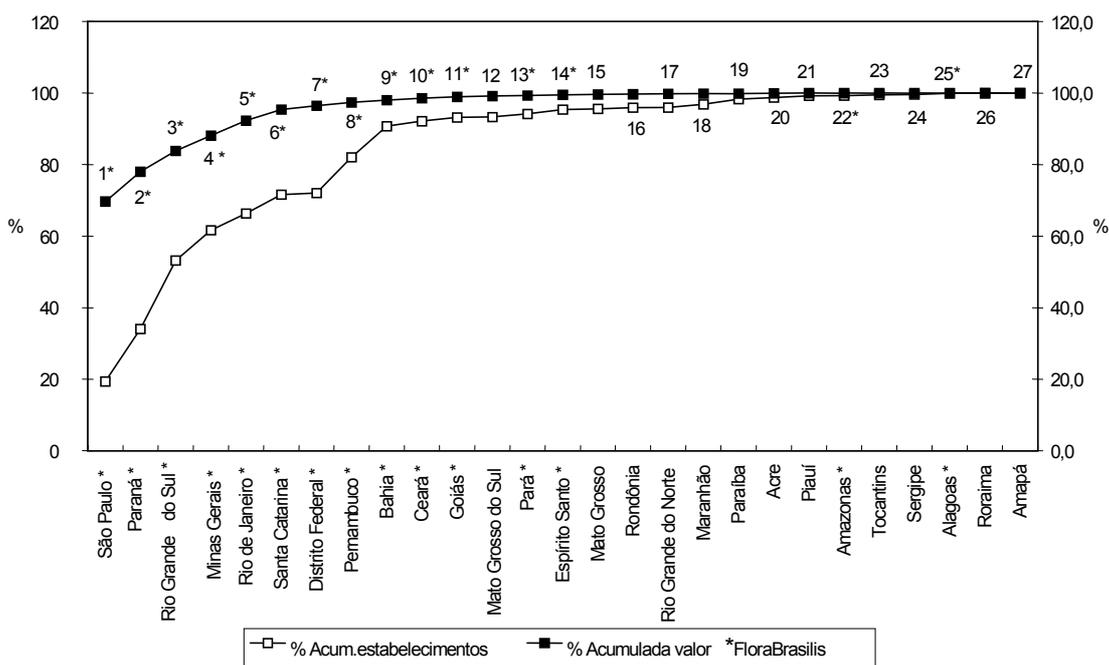
tais e gramas no Brasil, com 70% do valor total, em 2002. A estimativa do valor da produção da floricultura brasileira foi calculada, por Unidade da Federação, com base em dados do Censo Agropecuário, após a atualização do valor nominal de 1996 para valores reais de dezembro de 2002, considerando taxas de crescimentos diferenciados de acordo com os diferentes graus de dinamismo observados nas regiões produtoras. Outro critério levado em consideração foi o fato de estar ou não contemplado com o programa *FloraBrasilis*<sup>7</sup>. Assim, a estimativa do valor da produção brasileira de flores, plantas e gramas ficou próximo de R\$500 milhões em 2002.

As 10 Unidades da Federação que lideram o *ranking* totalizam 98,5% do valor da produção do setor, todos fazem parte do programa *FloraBrasilis*, sendo em ordem de importância: São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Distrito Federal, Pernambuco, Bahia e Ceará, com preponderância, portanto, dos representantes da Região Sudeste e Sul. Considerando o número de estabelecimentos agropecuários levantados no Censo Agropecuário, constata-se que ocorre também a concentração econômica por estabelecimento, ou seja, por floricultor. No caso de São Paulo, por exemplo, 19% dos produtores brasileiros produziram 70% do valor da produção da floricultura, com grande desigualdade, portanto, na geração do valor da produção (Figura 4).

A assimetria ocorre também em relação ao valor da exportação dos produtos da floricultura brasileira por Unidade da Federação, sendo que apenas 14 estados brasileiros tiveram seus produtos destinados ao mercado externo. O *ranking* do valor da exportação é de novo liderado por São Paulo, com US\$11,5 milhões, em 2002, seguido pelo Rio Grande do Sul (US\$1,8 milhão) e Minas Gerais (US\$1,7 milhão). O valor da exportação da floricultura cearense totalizou US\$443 mil, dos quais US\$77 mil eram de rosas cortadas e US\$260 mil de flores tropicais (SEAGRI, 2003) (Figura 5).

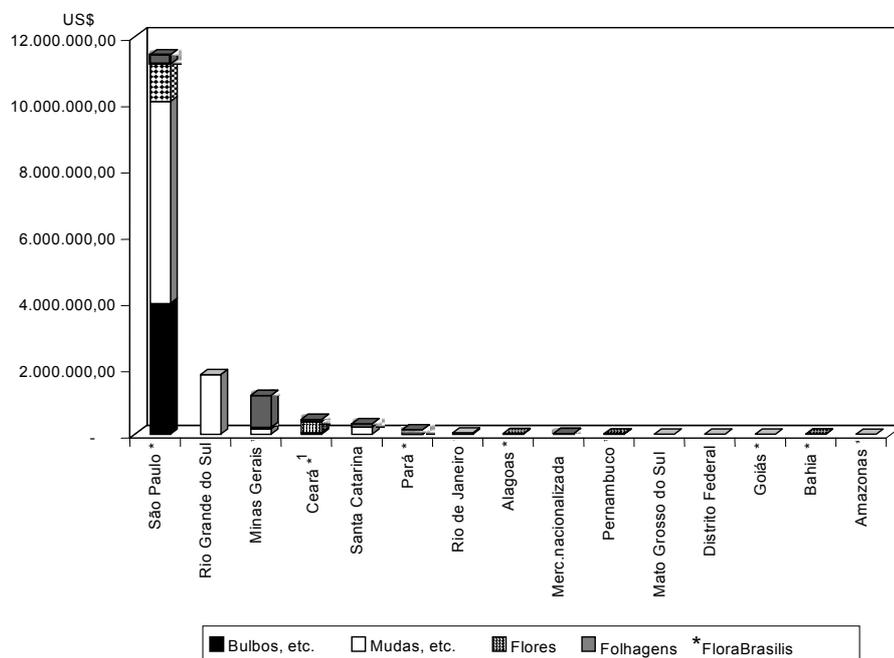
Em várias Unidades da Federação bra-

<sup>7</sup>*FloraBrasilis* é o nome do programa de incentivo à exportação de produtos da floricultura brasileira, criado pela Agência de Promoção das Exportações (APEX), implantado no final de 2000, com a participação da IBRAFLORE. Diversas ações já foram realizadas, incluindo a divulgação dos produtos brasileiros no exterior (FLORABRASILIS, 2001; PROGRAMA, 2003).



**Figura 4** - Percentagem Acumulada de Número de Estabelecimentos Agropecuários e de Valor da Produção de Flores, Plantas Ornamentais e Gramas do Brasil, 2002.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em CENSO (2002).



<sup>1</sup>Dados fornecidos pela Secretaria da Agricultura do Ceará.

**Figura 5** - Exportação Brasileira de Plantas Vivas e Produtos da Floricultura, por Estado, Brasil, 2002.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em SECEX (2003).

sileira ocorre exportação exclusivamente de mudas de ornamentais e plantas vivas como no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Goiás e Amazonas. Em outros Estados, esta prática ocorre em menor porcentagem como na Bahia (82%), Santa Catarina (71%), São Paulo (53%) e Minas Gerais (14%). Os especializados na exportação de folhas, folhagens e musgos para floricultura são Pará (100%) e Minas Gerais (82%), seguidos de Santa Catarina (29%), Ceará (12%) e São Paulo (2%). A especialização na exportação de flores de corte ocorre em Alagoas (100%), Pernambuco (100%), seguidos por: Ceará (76%), Bahia (18%) e São Paulo (10%). No agrupamento de Mercadoria Nacionalizada da SECEX (2003), 99% são referentes a flores de corte. A exportação de bulbos ocorre apenas nos Estados de São Paulo (35%) e do Ceará (12%) (Figura 6).

## 5 - CONCLUSÕES

A floricultura brasileira está localizada, em termos de área cultivada, em todas as Unidades da Federação embora ocorra grande concentração, em termos de valor da produção, em alguns municípios e estados produtores. Estima-se que cerca de 7.600 produtores em 1.500 municípios brasileiros dediquem-se à floricultura em tempo integral ou parcial.

A área cultivada com floricultura no Brasil, estimada nesta pesquisa em 9.000 hectares, está bem acima do que indicam o setor e outros estudos. Esse fato ocorre, provavelmente, em vista de as estimativas anteriores basearem-se nos levantamentos subjetivos considerando regiões e municípios reconhecidamente já dedicados à floricultura, subestimando as áreas de vários municípios com menor evidência, embora importantes, como Itapetininga e Dracena em São Paulo, e de outros que estão se inserindo no mercado interno como Belo Horizonte em Minas Gerais, e no mercado externo como Caraguatuba em São Paulo. Do total, cerca de 5.000 hectares pertencem à floricultura paulista, carro-chefe do setor responsável por, respectivamente, 75% e 70% do valor da exportação e da produção da floricultura brasileira, de um total de US\$15 milhões (exportação) e de cerca de R\$500 milhões (produção) em 2002. Os produtores do Estado de São Paulo apresentaram também maior número

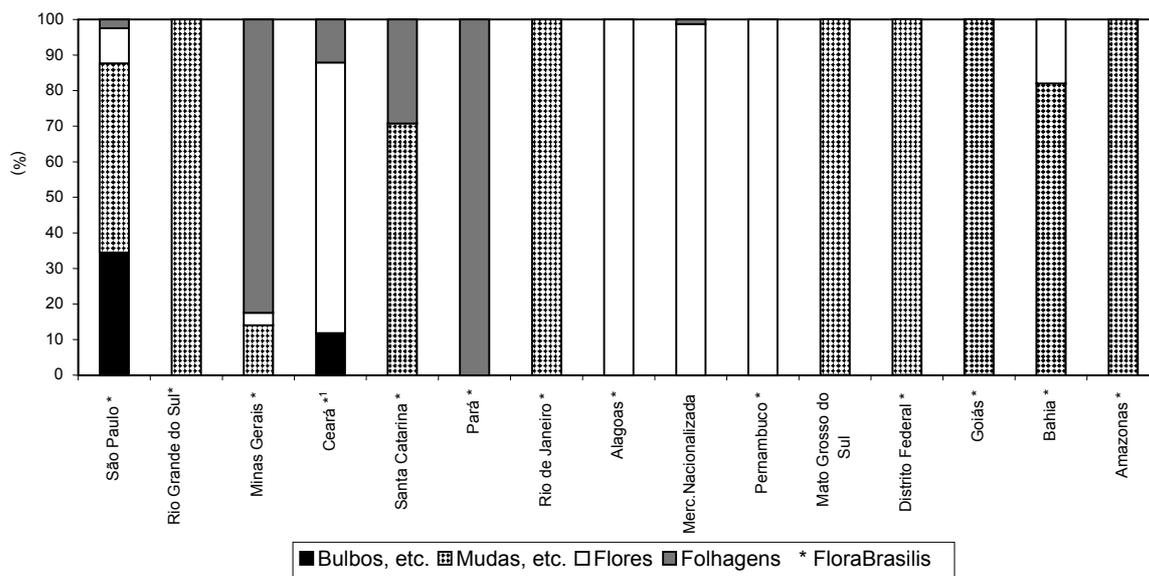
de destino de comercialização tanto interna (outros estados brasileiros) como externa (países de destino), além de vários centros organizados de atacado como Veiling Holambra, CEAGESP, CEASA/CAMPINAS e FLORANET.

Entre os países de destino das exportações brasileiras, além dos tradicionais como os da União Européia, MERCOSUL, Estados Unidos, Suíça e Japão, citam-se Austrália e Nova Guiné. Em exportação, depois de São Paulo, desponta o Estado do Ceará, com US\$443 milhões, segundo SEAGRI (2003), dos quais US\$260 mil em flores tropicais e US\$77 mil em rosas de corte. No momento, é o Estado brasileiro com maior capacidade para acelerar o ritmo das exportações, com expectativa de triplicar o valor em 2003. Caso se confirmem essa previsão e o ritmo de crescimento, a *Flora Brasílis* terá um grande aliado para a realização da sua meta.

Existe também uma especialização na exportação entre os Estados brasileiros em produtos da floricultura: em mudas de ornamentais, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Goiás, Bahia e Amazonas; em folhagens, Pará e Minas Gerais; em flores de corte, Ceará, Alagoas e Pernambuco; e em bulbos, São Paulo, exportador também de mudas de ornamentais, principalmente, e em menor escala flores de corte e folhagens.

A floricultura brasileira emprega cerca de 33,3 mil trabalhadores rurais diretos, dos quais 19 mil só no Estado de São Paulo, utilizando em média 3,7 homens/ha de área cultivada. A mão-de-obra aumenta sensivelmente nos estratos de área abaixo de um hectare, com concentração de estufas e equipamentos modernos de produção, onde a renda gerada por metro quadrado é mais elevada. Além da mão-de-obra familiar e assalariada, detectou-se entre os floricultores entrevistados uma nova relação de contrato de trabalhadores temporários, a terceirizada, em Minas Gerais, Pará, Paraná e Rio de Janeiro. Os picos na demanda de mão-de-obra temporária ocorreram de outubro a dezembro, relativos às demandas de Finados e Natal, e, em maio, ao Dia das Mães.

Os produtores entrevistados no Levantamento Ibraflor, em 2001-02, embora representem somente 18% do total levantado no Censo Agropecuário de 1995-96 do IBGE, representam a importante parcela de 58% dos municípios que produziram 95% do valor de produção de flores, plantas ornamentais e gramas produzido no País.



<sup>1</sup>Dados fornecidos pela Secretaria da Agricultura do Ceará.

**Figura 6** - Participação Percentual do Valor dos Produtos da Floricultura Brasileira Exportada, por Categoria, 2002.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em SECEX (2003).

Isso significa que esses produtores, embora relativamente poucos, em números absolutos, têm boa representatividade do setor no que tange às variáveis relacionadas ao nível tecnológico e à inserção econômica e social.

O valor da produção da floricultura brasileira, em nível do produtor, foi estimado nesta pesquisa em cerca de R\$500 milhões em 2002. Considerando que, na média, o preço de atacado cresce 50% em relação ao do produtor e o preço de varejo representa 100% do atacado, no Brasil o setor tem valor avaliado em R\$750 milhões (atacado) e R\$1,5 bilhão (varejo). O consumo *per capita*, portanto, do brasileiro com produtos da

floricultura gira em torno de R\$8,50 ao ano. Considerando a taxa de câmbio recente de R\$3,00/dólar, o mercado de flores no Brasil em nível do consumidor é de US\$500 milhões, valor que poderá crescer muito com a entrada no mercado de novos consumidores encantados pelos produtos oferecidos e pelo baixo valor unitário, como os pequenos vasos de violetas, crisântemos e calanchoes, que têm poder de sedução suficiente para se manter nesse mercado conquistando com fidelidade os consumidores. Fato semelhante poderá ocorrer com os clientes internacionais, se o País tiver condições de oferecer com eficiência produtos únicos, a preços competitivos.

## LITERATURA CITADA

CASTRO, C. E. F. Cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.4, n.1/2, p.1-46, 1998.

CENSO AGROPECUÁRIO 1995-96. **Tabulação especial**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 1 CD.

FLORABRASILIS: programa brasileiro de exportação de flores e plantas ornamentais. Disponível em: <http://www.florabrasilis.com.br/portugues.htm>. Acesso em: 22 nov. 2001.

FRANCISCO, V. L. F. S.; PINO, F. A.; KIYUNA, I. Os floricultores no estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.33, n.12, p.74-80, dez. 2003b.

FRANCISCO, V. L. F. S.; PINO, F. A.; KIYUNA, I. Floricultura no estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.33, n.3, p.17-32, mar. 2003a .

GRAZIANO, T. T. **Programa setorial integrado de exportação de flores e plantas ornamentais**: relatório da produção de flores e plantas ornamentais brasileira. São Paulo: IBRAFLO, 2002. 1 CD.

IBRAFLO. **Levantamento Ibraflor 2001-02**: Banco de Dados. São Paulo, 2002.

KIYUNA, I.; FREITAS, S.M.; CAMARGO, M. de L. B. Comércio exterior brasileiro de flores e plantas ornamentais, 1997-2002. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.33, n.6, p.50-61, jun. 2003.

MALAVOLTA JÚNIOR, V. A. (Coord.). Grupo de trabalho da pesquisa para a competitividade das cadeias de produção de flores e plantas ornamentais. In: PROGRAMA impulso das cadeias de produção da floricultura de mesa. São Paulo: APTA/SAA, 2000. Mimeo.

PEROSA, J. M. Y. **Competitividade do Brasil no mercado internacional de flores e plantas ornamentais**. Disponível em: <<http://www.fearp.usp.br/egna/resumos/perosa.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2002.

PROGRAMA brasileiro de exportação de flores e plantas ornamentais. Disponível em: <http://www.florabrazil.com.br/2001/paprel1.htm>. Acesso em: 03 mar. 2003.

SAS INSTITUTE. **SAS/STAT user's guide**. Cary, NC, 1988.

SEAGRI - Secretaria da Agricultura e Pecuária do Ceará. **Exportação dos produtos da floricultura no estado do Ceará - 2002**. Mensagem recebida por <[lkuyo@iea.sp.gov.br](mailto:lkuyo@iea.sp.gov.br)>. Acesso em: 12 jun. 2003.

SECEX. Exportação brasileira de plantas vivas e produtos de floricultura, 1997-2002. Disponível em: [http://aliceweb.mdic.gov.br/consulta\\_nova/resultadoConsulta.asp](http://aliceweb.mdic.gov.br/consulta_nova/resultadoConsulta.asp). Acesso em: 27 fev. 2003.

### **FLORICULTURA BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: o perfil do produtor**

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo delinear o retrato atualizado da floricultura brasileira com base em dados objetivos e censitários. Especificamente abordam-se o perfil dos floricultores brasileiros, a dispersão geográfica do setor e o dimensionamento da estrutura produtiva e de comercialização, interna e externa. Estima-se que cerca de 7.600 produtores em 1.500 municípios brasileiros estão dedicados à floricultura em tempo parcial ou integral, com a área cultivada de 9.000 hectares. A floricultura brasileira utiliza cerca de 33,3 mil trabalhadores rurais diretos, dos quais 19 mil só no Estado de São Paulo, empregando em média 3,7 homens por cada hectare de área cultivada. O valor do mercado da floricultura brasileira, em 2002, é estimado nesta pesquisa em cerca de R\$500 milhões (produtor), R\$750 milhões (atacado) e R\$1,5 bilhão (varejo), com o consumo per capita de R\$8,50 ao ano.

**Palavras-chave:** floricultura, área cultivada, mão-de-obra, Brasil.

### **EARLY 21st CENTURY BRAZILIAN FLORICULTURE: a growers profile**

**ABSTRACT:** The objective of this paper was to build up an updated scenario of Brazilian floriculture, based on objective and census data. More specifically, the topics are as follows: the Brazilian flower growers' profile, the geographical distribution of the sector and the scope of both domestic and

foreign production and trade frameworks. An estimated total of about 7,600 producers in 1,500 Brazilian municipalities fully or partly engage in floriculture production in a 9,000 hectare cultivated area. Brazilian floriculture directly employs about 33.3 thousand direct rural workers, 19 thousand in the State of São Paulo alone, with an average of 3.7 men per cultivated hectare. This research estimated the 2002 market value of Brazilian floriculture at around R\$500 million (producer), R\$750 million (wholesale) and R\$1.5 billion (retail), with an annual per capital consumption of R\$8,50 .

**Key-words:** floriculture, cultivated area, labor, Brazil.

---

Recebido em 25/11/2003. Liberado para publicação em 21/01/2004.

*Informaç õ es Econô micas, SP, v.34, n.4, abr. 2004.*